



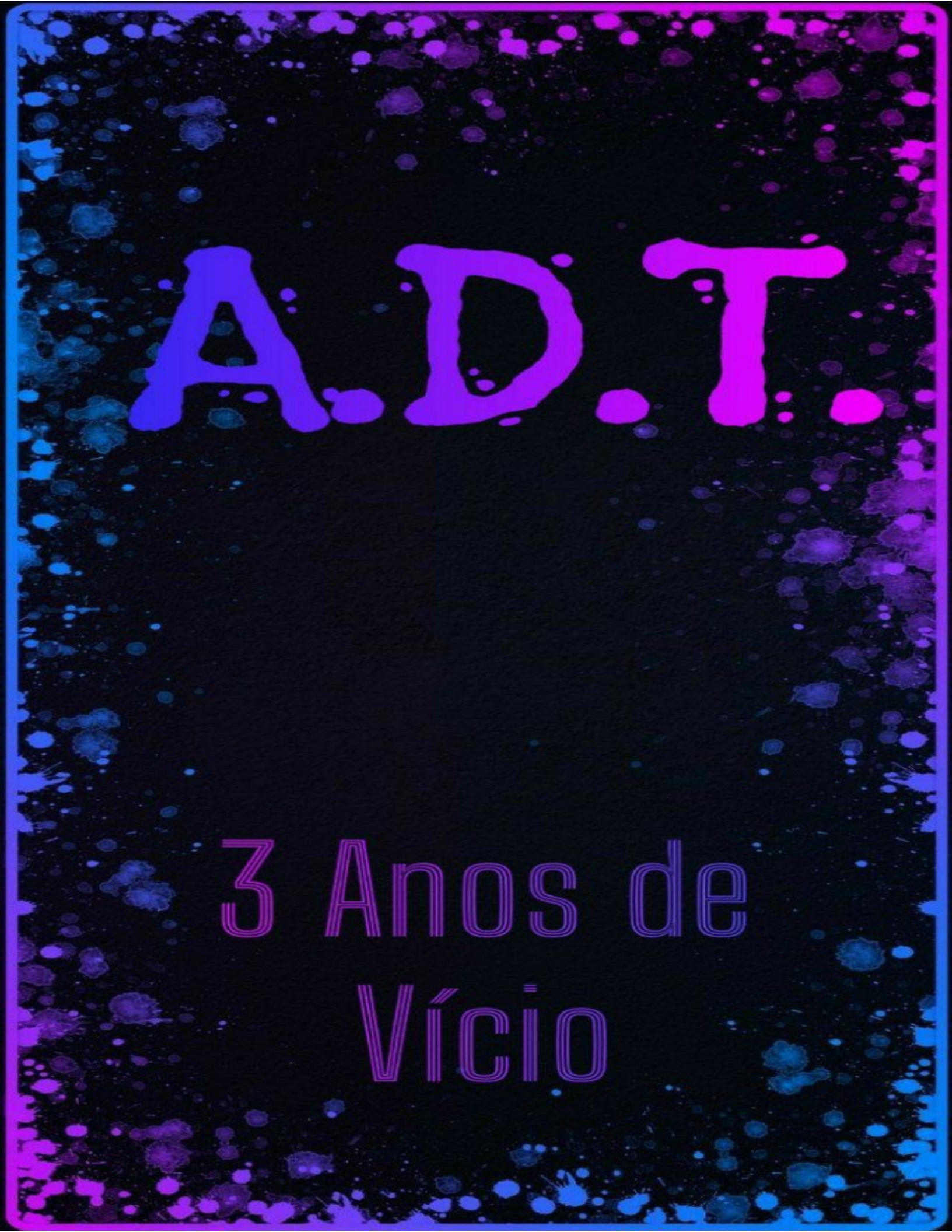
STOLEN. BROKEN.
CORRUPTED.

DECEPTION TRILOGY **PREQUEL**

DARK DECEPTION

RINA KENT





A.D.T.

3 Anos de
Vício



Sinopse

Roubada. Quebrada. Corrompida.

Ter nascido líder me ensinou uma coisa.

Eu pego o que eu quero.

Incluindo a rosa solitária que está lutando para sobreviver nas ruas.

Só que não sou um cavaleiro e não farei nenhuma economia.

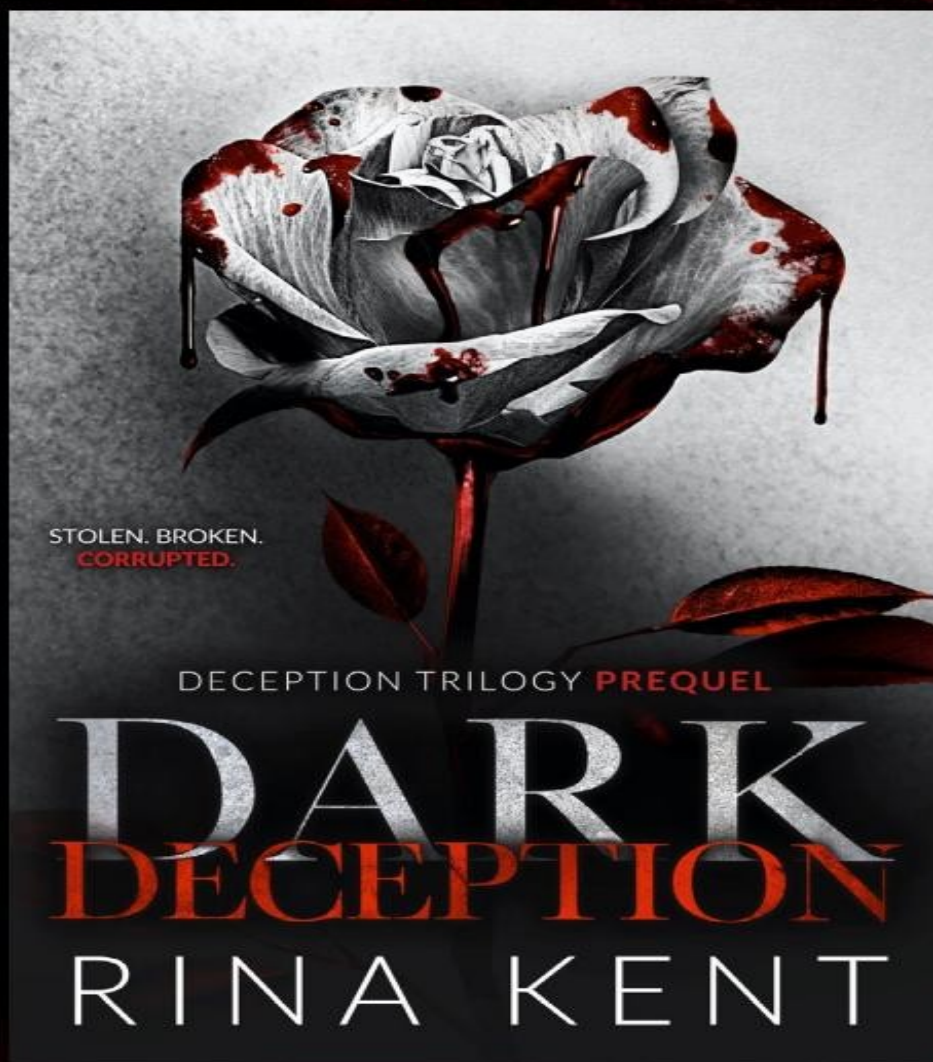
Se qualquer coisa, eu sou o pesadelo do qual ela não consegue acordar.

O monstro do qual ela não pode escapar.

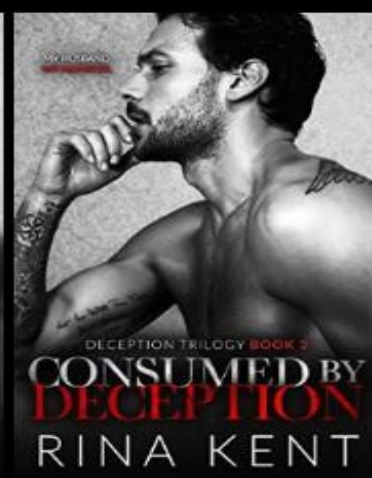
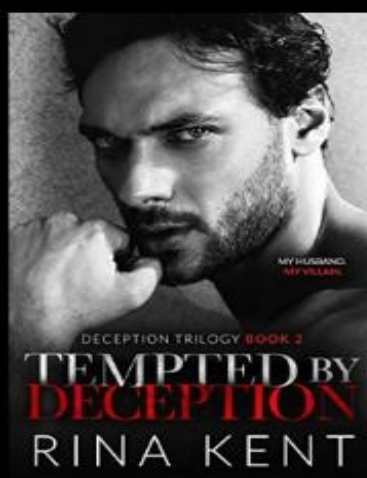
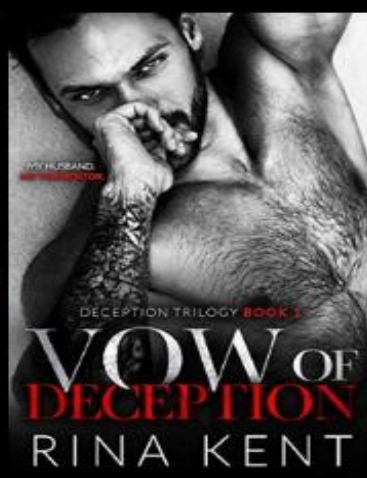
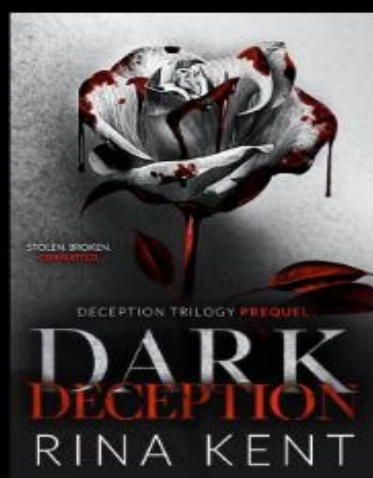
O diabo que ela não pode lutar.

Eu sou o sangue que cobrirá suas pétalas puras.

Lançamento



A Serie



Aos amantes dos vilões.

Prologo

A morte pode vir na forma de um *doppelgänger*¹.

Existe um mito tão antigo quanto o tempo que diz que quando você conhece alguém que se parece com você, um de vocês morre.

Quem, é a questão.

Quem morreria primeiro? Eu ou ela?

Segundo o mito, o primeiro a ver o outro está fadado a encontrar o seu fim. Na mesma década. Mesmo ano. Talvez até no mesmo dia.

Eu levanto minhas mãos trêmulas e olho para o sangue que as cobre, se entrelaçando com meus dedos e rastejando sob minhas unhas.

Oh.

Acho que isso significa que a vi primeiro. Fiz contato visual primeiro.

Que má sorte. Mas acho que nunca tive o tipo bom. Não quando nasci, e certamente não quando fui empurrada para esta vida.

Minha atenção permanece no carmesim profundo que cobre minhas mãos como uma segunda pele. É espesso, pegajoso e sua cor escura queima na minha cabeça. Esfrego as palmas das mãos para limpar, mas isso não

¹ Doppelgänger é um sócio ou duplicata não-biologicamente relacionada com a pessoa que imita.

melhora. Na verdade, o sangue fresco e quente mancha ainda mais, como se já tivesse escolhido minhas mãos como local de residência permanente.

Fecho os olhos com força, inspirando ar forte. O som é rouco, gutural, arranhando a superfície dos meus pulmões como longos pregos enferrujados.

Tudo bem. Quando eu abrir meus olhos, vou acordar. Isso não é real. É apenas minha imaginação selvagem e minha superstição juntando forças para torturar minha mente.

Isto. Não. É. Real.

Minhas pálpebras parecem ter sido coladas quando se separam.

O sangue ainda é o mesmo, quente, pegajoso e quase preto devido à falta de luz. Eu cerro meus punhos, meu corpo ficando rígido como um chicote tenso.

Acorde. Acorde, porra.

Minhas unhas cavam em minhas palmas, mas nada do que faço me puxa para fora. Nada interrompe esse ciclo desagradável.

Eu levanto minha cabeça e estudo meu entorno. Árvores selvagens me envolvem como um casulo. Elas são tão altas que o céu escuro mal é visível através da pequena abertura no alto.

Nuvens se condensam sobre o tom prateado da lua e eu estremeço. O suéter fino sobre meu vestido de algodão mal me protege do frio.

Sentir frio deveria ser um bom sinal, mas não é. Não é uma indicação clara se isso é real ou não.

O sangue em minhas mãos não vai desaparecer e nem o tremor disparando pelo meu corpo.

Ele está atrás de mim.

Se ele me encontrar, ele vai me matar.

Eu aperto minhas pálpebras e conto em voz alta: — três, dois, um.

Quando os abro novamente, as árvores são as mesmas, assim como o frio. O sangue está mais frio agora. Mais espesso. Mais pegajoso. Como um demônio possuindo minha mente e começando com minhas mãos.

Não.

Eu afundo minhas unhas na longa cicatriz em meu pulso e agarro a pele o mais forte que posso, com a intenção de removê-la e olhar sob ela. Para ver o sangue realmente fluindo, para diferenciar este pesadelo da realidade.

Se não houver dor, isso não é real. É apenas outra manifestação cruel do meu subconsciente e outra autopunição. Em breve, tudo estará acabado e eu vou acordar, sã e salva.

Minha pele se rompe com o ataque de minhas unhas e uma dor lancinante explode no ferimento.

Minha boca se abre e uma lágrima pende da minha pálpebra.

Isso é real.

Isso não é um pesadelo. Eu não dormi e acordei no inferno. Eu fui lá com meus próprios pés.

Não.

Não...

Meus lábios secos tremem, algumas gotas de sangue caem da minha ferida e se juntam ao massacre em minhas mãos.

Tanto sangue só pode significar uma coisa.

Eu tirei uma vida.

Meus demônios finalmente venceram.

Eles estão em silêncio agora, nem mesmo tentando sussurrar essas coisas maliciosas, aqueles pensamentos que me atormentam dia e noite. Eles aumentaram de volume, batendo e arranhando os limites da minha cabeça até que eu os ouvi.

Até eu realizar o desejo deles.

— Eu não sou uma assassina. Isso não é um assassinato... — Murmuro as palavras para mim mesma. Talvez se eu continuar fazendo isso, eu possa desfazer o que aconteceu.

Talvez eu possa voltar e mudar isso.

Eu fico olhando para o céu escuro e sombrio, as lágrimas se agarrando às minhas pálpebras. — Se houver alguém aí, por favor, me deixe voltar para mudar isso. Eu não sou essa pessoa. Não me deixe ser essa pessoa. Por favor...

Apenas o vento uivante me responde, seu som ecoando na floresta vazia como espíritos vingativos com olhos amarelos e bocas abertas.

— P-Por favor... — eu imploro. — Por favor, pare de me torturar comigo mesma. Por favor.

Eu sei que meus apelos não surtiram nenhum efeito, mas é a última esperança que posso manter. O último tópico que pode me salvar. Porque eu preciso desesperadamente ser salva agora.

E eu não confio mais em mim mesma para fazer isso. Se eu tentar, só vou piorar as coisas. Vou ficar fora de controle e deslizar pelo caminho sem volta.

A próxima coisa que sei, serei meus próprios demônios.

Eu serei minha própria ruína.

Serei aquilo de que fugi durante toda a minha vida.

— Por favor, faça parar. — Minha voz engasga e eu fungo. — Por favor. Eu farei qualquer coisa.

Desta vez, o vento não é minha resposta. O barulho de passos vem em torno das árvores.

Meus pés vacilam e eu paro de respirar. Meus demônios não poderiam ter me encontrado tão cedo.

Embora... espere. Isso é realidade. Meus demônios não aparecem na realidade. Isso significa que os passos pertencem a alguém mais perigoso do que eles.

Eu giro e corro à frente, empurrando os galhos baixos para fora do meu caminho. As folhas caídas rangem sob meus sapatos baixos, mas não paro para pensar no som que estou fazendo, o que dá uma indicação clara de onde estou. Isso não é importante agora. Se eu for pega, serei morta.

Na verdade, meu destino será muito pior do que a morte.

Viva. Você é uma lutadora. Você nasceu para viver.

As palavras da mamãe ecoam na minha cabeça, me carregando com uma grande dose de adrenalina. Eu tenho que viver e permanecer assim para nós duas.

Eu *preciso* viver

Os passos ficam mais próximos a cada segundo que passa, até que seu ruído surja bem atrás de mim. Eu não olho para trás ou mesmo tento. Em vez disso, uso as árvores como camuflagem, correndo entre elas tão rápido que meus tendões gritam de dor.

Se meu padrão for irregular, ele não me encontrará. Se eu for imprevisível, poderei escapar das garras da morte.

Fui ensinada a nunca pegar o canudo mais curto ou ter menos do que mereço. É irônico que ele tenha me ensinado isso, mas agora está vindo atrás de mim.

Tão irônico.

As árvores se dissipam e eu paro bruscamente no topo de um penhasco. Pedregulhos escapam de meus pés e rolam sobre as enormes pedras e,

finalmente, para a água escura e turva que está batendo contra as rochas. O som das ondas furiosas ecoa no ar como uma sinfonia de morte.

O céu está completamente nublado agora, lançando uma sombra sombria no mar bravo.

Enquanto eu olho para baixo, um pensamento estranho, porém familiar, passa pela minha cabeça.

Seria tão fácil acabar com isso. Tão fácil.

Basta um passo. Um passo e afogarei meus demônios com minhas próprias mãos.

Um passo e vou matá-los de uma vez por todas, então eles nunca mais sairão.

— Faça.

Um arrepio percorre minha espinha com a voz sinistra que vem atrás de mim.

Ele me *encontrou*.

Eu giro tão rápido que perco o equilíbrio e balanço para trás. Eu estendo a mão para ele e agarro seu braço com as duas mãos, as unhas cravando em sua camisa. Manchas de sangue no pano cinza claro como evidência do meu desespero por viver.

Ele está imóvel, como uma estátua fria, enquanto eu permaneço suspensa no ar. Seu rosto está sombreado e não consigo ver nada, exceto os contornos de seu queixo e cabelo.

Como eu sei que ele não fará nenhum movimento para me ajudar, tento usar meu aperto em sua manga para me puxar para cima.

— Você acabou com uma vida. — Seu tom calmo, mas ameaçador, me faz parar no meio do caminho.

Eu balanço minha cabeça violentamente. — Eu n-não queria.

— Ainda aconteceu.

— Não, por favor... não...

— Morra por seus pecados. — Ele puxa a mão livre e eu tropeço para trás e descí o penhasco.

Abro a boca para gritar, mas nenhum som sai. A queda não é tão dolorosa quanto eu esperava. Se qualquer coisa... é pacífica.

Depois de dar uma última olhada na silhueta que olhava para mim, eu fecho meus olhos, deixando as lágrimas caírem.

É finalmente o fim.

Capítulo Um

Adrian

Ser educado de uma certa maneira força certas expectativas.

Às vezes, eles são o tipo mais fácil, onde tudo que você precisa fazer é acompanhar a maré. Outros, é tudo uma questão de ação.

Aprendi desde cedo que agir é proporcional e depende de um conjunto de circunstâncias predefinidas.

Agir muito cedo ou muito tarde pode causar uma tragédia.

Recusar-se a agir em primeiro lugar é a principal causa da auto aniquilação.

Ser nascido de monstros e criado entre eles me ensinou uma lição valiosa.

Nunca abaixar minha guarda.

Se eu fizer isso, outras criaturas das trevas se banqueteariam com minhas fraquezas. Eles não hesitarão em me arrastar para a estrada sem volta.

Ou então eles desejam.

Eles teriam que me alcançar para me tocar. Eles teriam que possuir a capacidade de me olhar nos olhos e não tremer de medo.

Eles teriam que atingir meu nível de poder.

Depois de perder tudo quando criança e ser criado na Bratva de Nova York, eu tive que ser inteligente para adquirir poder. Eu não poderia ser muito óbvio, porque isso iria despertar as suspeitas do meu pai.

Ele pensaria que estou atrás de sua posição e título, seu poder e qualidades. E embora isso seja verdade, não é nem mesmo o começo.

Georgy Volkov é um dos quatro reis da irmandade há décadas, desde antes de eu nascer. Ele compartilha uma amizade fácil com o Pakhan, Nikolai e o resto dos líderes.

Eles o admiram com uma reverência que ele conquistou massacrando traidores a sangue frio. Mesmo que um desses traidores fosse uma mulher indefesa.

Embora eu seja seu único filho e herdeiro, Georgy é inteligente o suficiente para desconfiar de mim. Seus guardas me observam mais do que observam estranhos, e ele frequentemente me envia para a Rússia ou países do Leste Europeu, então eu não crio raízes aqui.

O último exílio foi meu alistamento nas forças especiais militares russas com os guardas que ele recrutou para ficar de olho em mim desde que eu era jovem.

Esse foi o seu erro.

Enquanto o Spetsnaz era brutal, ele endureceu minha mente e expurgou qualquer humanidade que se escondesse dentro de mim.

Isso me fez o monstro que ele queria que eu fosse desde que eu era um menino.

E, infelizmente para meu pai, os monstros não dão a mínima para quem eles erradicam em seu caminho em direção a seus objetivos.

Monstros levam até que não haja mais nada.

Ele está mais velho agora, na casa dos cinquenta. É hora de assumir o controle de boa ou má vontade.

Sento ao lado dele em uma reunião fechada com o Pakhan, os outros líderes da irmandade e alguns chefes de famílias italianas.

Dezenas de guardas ocupam a sala do restaurante particular, todos armados e carrancudos, mesmo quando seus chefes estão bebendo e planejando um próximo carregamento de drogas.

Normalmente eu não teria permissão para participar dessas reuniões, mas fui eu quem trouxe informações sobre um golpe sendo planejado em um dos cartéis sul-americanos.

Em minha trama para derrubar o reinado de meu pai, tenho investido em hackers e jogadores nos bastidores. Tenho lentamente, mas certamente, construído meu arsenal com a ajuda de meu confidente e braço direito, Kolya.

Meu pai o designou em uma missão para me vigiar, mas já faz muito tempo que Kolya mudou de lado.

Quando descobrimos sobre o cartel sul-americano, não entreguei essa informação ao meu pai em uma bandeja de ouro e, em vez disso, falei diretamente com o Pakhan. Nikolai apreciou o gesto e tem me olhado com respeito.

Algo que usarei a meu favor.

A irmandade e os líderes italianos estão discutindo sobre de que lado escolher na próxima batalha. Alguns estão dizendo que devemos ficar atrás do chefe atual porque ele governa há muito tempo e tem vários tenentes leais. Outros argumentam que devemos apoiar o golpe porque ele tem mais munição e traidores dentro do cartel.

Meu pai está do primeiro lado. Ele sempre buscou as soluções mais óbvias, mesmo que isso significasse destruir a vida de todos.

No meio de todas as brigas e discussões, o olhar penetrante do Pakhan cai sobre mim. Ele é mais velho que meu pai e seus traços são cobertos por um brilho da sabedoria que adquiriu ao longo das décadas.

Nikolai Sokolov foi um dos membros fundadores da Bratva na Rússia na época da União Soviética e sua linhagem é considerada nobreza na Bratva. Um fato do qual todos nesta irmandade se gabam.

Nikolai gira sua bebida. — O que você acha Adrian?

Posso sentir meu pai enrijecer ao meu lado enquanto o silêncio ecoa ao nosso redor. Já que estou sob o guarda-chuva de Georgy Volkov, minha

opinião não deveria importar para o Pakhan, e mesmo assim, ele a pediu. O motivo é simples: provei ser digno de ter uma opinião.

— Cale a boca, porra, — meu pai sibila baixinho, então só eu posso ouvir.

Ele sabe que sou uma ameaça.

Bom.

Esta não é a primeira vez que trouxe algo para a mesa e Nikolai ignorou meu pai para pedir minha opinião.

— Nada, — eu digo calmamente.

Outros começam a discutir, mas Nikolai levanta a mão, exigindo silêncio. — Explique.

— Se tomarmos qualquer lado, será uma aposta porque, neste ponto, os dois líderes têm aliados suficientes para erradicar o outro. No caso de nosso envolvimento, podemos pegar inimigos de que não precisamos, especialmente com outros cartéis com os quais planejamos colaborar no futuro. Sugiro que esperemos mais um pouco, observemos a cena e só quando tivermos certeza de que os favores estão caindo para um vencedor, escolhemos um lado.

Murmúrios apreciativos surgem na sala. Meu pai visivelmente aperta a mão em torno de seu copo de uísque, e quase posso ouvir a bronca que ele vai me dar mais tarde por não ter contado a ele sobre minha discussão.

Acabaram os tempos em que meu pai recebia crédito por minhas contribuições.

— Nós iremos com isso, — Nikolai anuncia muito casualmente. — Adrian, fique de olho nos assuntos internos dos cartéis e me informe.

— Vou fazer.

— Eu consigo... — interrompe meu pai.

— Adrian vai. — O *Pakhan* se levanta, indicando rapidamente o fim da reunião.

O arrastar de pés se mistura com a conversa enquanto todos se levantam.

Meu pai me encara por cima do ombro enquanto segue atrás de seu chefe. Eu levo meu tempo e só saio da sala depois do resto dos líderes.

Não estou preocupado com a tentativa de Georgy de persuadir Nikolai. Depois que o Pakhan toma uma decisão, é absoluta.

— Parabéns, chefe, — sussurra Kolya, caminhando bem atrás de mim.

Ele é um homem alto com músculos grossos e uma carranca permanente. Seu cabelo loiro ainda está despenteado dos dias das forças especiais.

— Ainda não é hora de comemorar, Kolya. Este é apenas o começo.

— Muito promissor. O Pakhan nem pensou duas vezes antes de lhe dar a missão.

É por isso que meu querido pai está com medo.

Nesse ritmo, seu fim está próximo.

Nos juntamos a todos na frente do restaurante. Eu paro quando vejo uma van preta diminuindo a velocidade perto da entrada.

— Todo mundo para baixo, — eu grito em russo.

Acontece rápido.

A janela da van abaixa e, em seguida, o estrondo de tiros reverbera na porra do ar.

Eu fico olhando na direção de Nikolai, já que ele geralmente é o alvo de tentativas de assassinato. O pilar mais forte sempre é.

Meu pai não hesita enquanto pula na frente de seu chefe, usando seu corpo como escudo.

Observo enquanto a primeira bala perfura seu peito, depois a segunda e a terceira. Eu paro de contar depois da quinta.

Seus olhos vazios rolam para a parte de trás de sua cabeça enquanto os guardas puxam Nikolai de trás dele, deixando o corpo de meu pai caído no chão.

Ele está morto.

Meu pai está morto.

E, no entanto, não sinto nada.

É tudo graças a ele, de verdade.

A única razão pela qual não consigo chorar por ele ou sentir qualquer tipo de tristeza é porque ele matou esse lado meu quando eu era criança.

Eu não penso duas vezes enquanto corro para o meu carro esperando por nós não muito longe da van que agora está acelerando na estrada.

Kolya e eu mal entramos quando o motorista dá a partida no veículo.

— Siga aquela van, — eu ordeno com uma calma que soa distorcida, robótica mesmo.

Deixamos o caos para trás enquanto perseguimos a van. Não demoramos muito para encurralá-los.

Eles não são realmente profissionais e devem ser alguns bastardos insignificantes que guardam rancor de Nikolai.

Quando você é poderoso, o mundo é seu inimigo.

A vida é sua cadela.

Isso é exatamente o que me esforço para ser.

Encurralamos a van perto de uma estrada industrializada vazia com armazéns abandonados.

Eles abrem fogo, mas Kolya e eu somos mais rápidos. Nossos tiros atingem suas rodas e eles desviam antes de bater contra a parede de um armazém.

Nós saímos furiosamente do carro, não dando a eles uma chance de se recuperarem. Dois homens tropeçam para fora da van, balançando as cabeças ensanguentadas e segurando AK-41s.

Kolya atira no primeiro entre a cabeça e ele cai morto. Eu não pisco ou tento matar.

Eu posso usar a violência em meu benefício, mas não gosto nem procuro por ela.

A violência, como tudo o mais, é um meio para um fim.

Um método para fazer as coisas.

Aqueles que prosperam ficam viciados nisso, e eu não me permito ser consumido por nada.

Ou qualquer um.

Kolya desarma facilmente o outro guarda e o coloca de joelhos na minha frente. Eu nem mesmo pego minha arma.

— Quem te mandou?

— Vai se foder, — ele rosna com um inglês com sotaque, em seguida, cospe sangue nos meus sapatos de couro.

— Vai se foder, não é uma resposta. Me dê um nome ou irei encontrar sua família e fazer você assistir enquanto são torturados e mortos.

Isso é suficiente.

Trazer a família sempre os quebra. E é por isso que pessoas como eu podem subir nas classificações.

Não temos nada que nos enfraqueça, nenhum ente querido para quem voltar, e certamente nenhuma pessoa que controle nosso destino.

Nós sempre subimos enquanto todos os outros ficam no chão.

Depois que ele termina de trair seu chefe, o bastardo na minha frente me encara. — Vá em frente e me mate, mas um dia, você será morto também, Volkov.

— Esse dia não é hoje. Obrigado por matar meu pai por mim. — Pegue minha arma e atire no meio dos olhos.

Agora, nada nem ninguém vai me impedir.

Capítulo Dois

Adrian

O cheiro de rosas se transformou no fedor da morte.

Eu fico olhando para o sangue jorrando de suas feridas, para a vida teimosamente deixando seu corpo sem pausa ou segundos pensamentos.

A cor vermelha está estragando sua pele clara, pintando riachos por seus braços e pernas e contornando seu rosto macio.

Seus olhos estão abertos, mas ela não está olhando para mim. Seu olho azul está em branco, desapareceu, já existindo em algum outro lugar onde eu não pertenço.

Eu embalo sua cabeça em meus braços, acariciando suavemente seu cabelo castanho escuro. Levantando uma mecha molhada, eu inalo profundamente, em busca do que é possivelmente minha última dose de rosas. Não importa se elas são espinhosas e me picariam no processo. O método não tem importância para mim, desde que eu faça as coisas.

O que me saúda é a coisa mais distante das rosas. Não é nem morte. É pior.

Nada.

Entorpecimento.

Um lugar onde ela não pode e não vai me sentir. Onde ela acabou com tudo apenas para que ela pudesse selar seu coração e sua alma.

Só para que ela pudesse... desaparecer.

Eu afasto seu cabelo de seu rosto e escovo meus lábios sobre sua testa.

— Eu vou te encontrar de novo.

As pessoas dizem que a morte é o fim.

Para mim, é apenas o começo.

Capítulo Tres

Winter

Acho que parei de sentir.

Não é que eu tenha desligado minhas emoções, mas tenho certeza de que perdi as sensações em minhas mãos e pés.

Quase posso ver as bolhas de frio em meus dedos dentro das luvas rasgadas e entre os dedos dos pés, que estão cobertos por meias velhas e sapatos masculinos que são um tamanho grande demais, deixando meus pés desajeitados a cada passo que dou. O ar gelado está até mesmo passando pela barreira de meus quatro suéteres finos e o casaco que é três vezes maior.

A temporada de neve atingiu fortemente este ano na cidade de Nova York. Eu me sinto como um boneco de neve ambulante com o peso das roupas que estou vestindo. Nenhuma delas é macia ou protetora o suficiente, mas é melhor do que morrer de hipotermia.

Seria irônico se eu morresse de frio quando meu nome é Winter.

O destino é um pouco cínico demais ou o quê? Ele deve ter pensado neste momento em que sussurrou para minha mãe que ela deveria me dar o nome da estação mais fria e difícil.

O destino também escolheu o pior estado para me jogar. Não só os invernos aqui são frios, ventosos e úmidos como o inferno, mas os verões também são insuportáveis com toda a umidade.

Mas quem sou eu para reclamar? Pelo menos aqui, posso deslizar pela multidão sem ser notada.

Como se eu não existisse.

A invisibilidade é uma ferramenta poderosa. Em uma cidade que abriga mais de oito milhões de habitantes, é realmente fácil para alguém como eu passar despercebida.

O frio me obriga a me destacar mais, no entanto. Enquanto caminho pelas ruas molhadas entre centenas de milhares de pessoas, às vezes recebo olhares. Eles nem sempre têm pena, muitas vezes, eles são críticos. Posso ouvi-los dizer: *Você poderia ter feito melhor, mocinha.*

Mas a maioria dos nova-iorquinos está tão insensível que não dá a mínima para um ninguém como eu.

Tento não me concentrar nas pessoas que saem das padarias com comida para viagem, mas não posso ignorar os cheiros divinos que passam por mim. Abro a boca e, em seguida, fecho como se isso fosse me dar um gostinho das guloseimas.

Se ao menos eu pudesse tomar uma sopa quente agora ou comer um pedaço de pão quente.

Eu engulo a saliva que se forma em minha boca com o pensamento. Sempre que estou morrendo de fome e não tenho acesso a comida, imagino

uma mesa cheia de refeições deliciosas e finjo que estou me deliciando com elas. Mas meu estômago só acredita por meio minuto antes de começar a roncar novamente.

É difícil enganar aquele.

Por mais faminta que eu esteja, no entanto, o que eu realmente amo mais é beber.

Eu levanto a lata de cerveja que está embrulhada em um saco de papel marrom e tomo o resto. Lá se vão as gotas finais que deveriam me ajudar no meu dia.

É apenas a tarde e comi pela última vez... quando foi de novo? Dois dias?

Talvez eu devesse voltar ao abrigo para uma refeição e um pedaço de pão...

Eu descarto o pensamento assim que ele surge. Jamais voltarei àquele lugar, nem mesmo se tiver que dormir na rua. Acho que devo procurar outro abrigo onde possa passar o resto do inverno ou então morrerei de frio lá fora.

Meus pés param na frente de um pôster emoldurado pendurado na lateral de um prédio. Eu não sei por que paro.

Eu não deveria.

Eu não paro normalmente.

Eu não paro e fico olhando, porque isso chamaria a atenção para mim e arruinaria minhas chances de ter superpoderes de invisibilidade.

Mas por razões desconhecidas, eu paro desta vez. Minha lata vazia está aninhada entre meus dedos enluvados, suspensa no ar enquanto estudo o anúncio.

O pôster é para o New York City Ballet, anunciando uma de suas apresentações. Todo ele é ocupado por uma mulher usando um vestido de noiva e parada na ponta dos pés. Um véu cobre seu rosto, mas é transparente o suficiente para distinguir a tristeza, a aspereza, o... desespero.

‘Giselle’ está escrito em sua cabeça. Na parte inferior estão os nomes do diretor e da primeira bailarina, Hannah Max, além das demais bailarinas participantes do show.

Pisco uma vez e, por um segundo, posso ver meu reflexo no vidro. Meu casaco engole meu corpo pequeno e meus tênis de cano alto enormes parecem sapatos de palhaço. Meu chapéu de pele sintética cobre minhas orelhas, e meu cabelo loiro está desgrenhado e oleoso, com as pontas escondidas dentro do meu casaco. Meu chapéu está um pouco puxado para trás, revelando minhas raízes escuras. Sentindo-me de alguma forma autoconsciente, puxo o capuz do meu casaco sobre a cabeça, permitindo que obscureça meu rosto.

Agora pareço uma serial killer.

Ha. Eu riria se pudesse. Um serial killer é inteligente o suficiente para não acabar nas ruas. Eles são espertos o suficiente para não se afogar tanto em álcool a ponto de se tornar impossível manter um emprego.

Eu pisco novamente e o pôster volta a ser visto. Giselle. Balé. Primeira bailarina.

Um desejo repentino de arrancar os olhos da mulher me oprime. Eu inspiro, depois expiro. Eu não deveria ter uma reação tão forte em relação a uma estranha.

Eu a odeio. Eu odeio Hannah Max e Giselle e balé.

Girando, eu saio antes de ficar tentada a quebrar o pôster.

Amasso a lata e jogo em uma lata de lixo próxima. Essa mudança de humor não é boa, de jeito nenhum.

É por causa da falta de álcool no meu sistema. Não bebi cerveja suficiente hoje para ficar bêbada à luz do dia. O frio se torna mais tolerável quando minha mente está entorpecida. Meus pensamentos não são tão altos e eu não tenho sentimentos assassinos por causa de um pôster de balé inofensivo.

Eu distraidamente atravesso a rua como faço todos os dias. Tornou-se minha rotina, e eu nem presto mais atenção a isso.

Esse é o meu erro, tomar as coisas como certas.

Eu não ouço a buzina estridente até estar no meio da rua.

Meus pés param no lugar como se pedras pesadas os mantivessem colados ao chão. Enquanto eu olho para as luzes de emergência da van e ouço sua buzina contínua, acho que minha vida de 27 anos, desde o nascimento até agora, vai passar na frente dos meus olhos. Isso é o que acontece na hora da morte, certo? Eu deveria me lembrar de tudo.

Desde o momento em que mamãe nos mudou de uma cidade para a outra, até que a vida me jogou em Nova York.

Desde o momento em que floresci, até o acidente que me transformou em uma alcoólatra incurável.

No entanto, nenhuma dessas memórias veio. Nem mesmo um fragmento delas. As únicas coisas que invadem minha cabeça são os dedinhos dos pés e das mãos. Um rosto e um corpo minúsculos que a enfermeira colocou em meus braços antes de ser levada embora para sempre.

Um nó se forma na minha garganta e eu tremo como uma folha insignificante nas ruas frias de inverno de Nova York.

Eu prometi viver para ela. Por que diabos estou morrendo agora?

Eu fecho meus olhos. *Eu sinto muito, menina. Sinto muito.*

Uma grande mão me agarra pelo cotovelo e me puxa para trás com tanta força que tropeço em meus próprios pés. A mesma mão gentilmente me segura pelo braço para me manter de pé.

Eu lentamente abro meus olhos, meio que esperando encontrar minha cabeça embaixo da van. Mas, em vez disso, a buzina soa quando passa por

mim, o motorista gritando pela janela: — Olhe para onde você está indo, sua vadia louca!

Encontrando seu olhar, eu dou o dedo com minha mão livre e continuo fazendo isso para ter certeza de que ele vê no espelho retrovisor.

Assim que a van desaparece na esquina, começo a tremer de novo. A breve onda de adrenalina que me atingiu quando fui insultada murcha, e agora tudo em que consigo pensar é que poderia ter morrido.

Que eu *realmente* decepcionaria minha garotinha.

— Você está bem?

Eu giro ao som da voz com sotaque. Por um segundo, esqueci que alguém havia me puxado para fora do caminho daquela van. Que se ele não tivesse, eu estaria morta agora.

O homem, que é russo, a julgar pelo sotaque sutil com o qual acabou de falar, está na minha frente, sua mão ainda segurando meu cotovelo. É um toque suave em comparação com a força bruta que ele usou para me puxar de volta.

Ele é alto e, embora a maioria das pessoas seja mais alta do que meu um e sessenta e dois, ele vai muito além disso. Provavelmente um e oitenta e oito ou mais. Ele está vestindo uma camisa preta e calças com um casaco de cashmere cinza escuro aberto. Podem ser as cores, ou o comprimento do casaco, que vão até os joelhos, mas ele parece elegante, composto, meio que um advogado, e provavelmente trabalhou como modelo para pagar as mensalidades da faculdade.

Seu rosto conta uma história diferente, no entanto. Não que ele não seja bonito, porque ele é, características agudas e angulares que se encaixam em seu corpo modelo. Ele tem maçãs do rosto salientes que projetam uma sombra em sua mandíbula grossa.

Seus olhos são de um tom intenso de cinza beirando o preto. A cor de suas roupas pode estar intensificando sua aparência, no entanto. O fato é que eles são muito... desconfortáveis de se olhar. Sabe quando algo ou alguém é tão bonito que chega a doer só de olhar para ele? É esse estranho. Olhar em seus olhos, por mais bizarros que sejam, me atinge com um sentimento de inferioridade que não consigo me livrar.

Embora suas palavras transmitam preocupação, não vejo nenhuma escrita em sua expressão facial. Nenhuma empatia da qual a maioria das pessoas é capaz.

Mas, ao mesmo tempo, ele não parece o tipo que finge preocupação. Se qualquer coisa, ele seria como o resto dos transeuntes que mal olharam na direção do quase acidente de trânsito.

Eu deveria estar me sentindo grata, mas a única coisa que quero é escapar de suas garras e de seus olhos inquietos. Seus olhos profundos e suplicantes que vão decifrando meu rosto, aos poucos.

Peça por peça minúscula.

— Eu estou bem, — eu respondo, torcendo meu cotovelo livre.

Sua testa franze, mas é breve, quase imperceptível, antes que ele volte à sua expressão anterior, me deixando ir tão suavemente quanto ele estava

me segurando. Espero que ele se vire e vá embora, para que eu possa contabilizar toda a experiência como uma infeliz tarde de inverno.

Mas ele apenas fica ali, imóvel, sem piscar, sem dar um único passo em qualquer direção. Em vez disso, ele opta por me observar, suas sobrancelhas grossas desenhando sobre os olhos que eu realmente não quero olhar, mas me encontro arrastada para o seu cinza selvagem de qualquer maneira.

Eles são como a dureza das nuvens acima e a rajada impiedosa do vento em todas as direções. Eu posso fingir que eles não existem, mas eles ainda me fazem perder a sensação de meus membros. Eles me causam bolhas e dores.

— Tem certeza de que está bem? — Ele pergunta de novo e, por algum motivo, parece que ele quer que eu diga a ele que não estou.

Mas por que? E com que fim?

Eu sou apenas um dos milhares de sem-teto nesta cidade. Um homem como ele, que está rodeado por um ar impenetrável de confiança, insinuando que está em alguma posição de destaque, nem deveria ter olhado em minha direção.

Mas ele fez.

E agora, ele está perguntando se eu estou bem. Estar acostumada com a invisibilidade me deixa inquieta quando estou de repente visível.

Desde que este estranho russo me agarrou pelo braço, senti uma coceira sob minha pele, me incitando a pular de volta para as sombras.

Agora.

— Sim, — eu deixo escapar. — Obrigada.

Estou prestes a me virar e sair quando a autoridade em sua voz me impede. — Espere.

Meus sapatos grandes fazem um barulho estridente no concreto quando sigo seu comando. Eu normalmente não faria. Não sou boa em ouvir ordens, é por isso que estou neste estado.

Mas algo em seu tom chama minha atenção.

Ele enfia a mão no casaco e dois cenários surgem na minha cabeça. A primeira é que ele vai sacar uma arma e atirar na minha cabeça por desrespeitá-lo. A segunda é que ele vai me tratar como muitos outros e me dar dinheiro.

Essa sensação de inferioridade bate novamente. Embora eu geralmente aceite troco das pessoas para comprar minha cerveja, eu não imploro por isso. A ideia de pegar o dinheiro desse estranho me faz sentir suja, menos que invisível e mais como uma partícula de poeira em seus sapatos de couro preto.

Pretendo recusar seu dinheiro, mas ele apenas pega um lenço e o coloca na minha mão. — Você tem algo em seu rosto.

Sua pele roça nas minhas luvas por um segundo e, embora o contato seja breve, eu vejo isso.

Uma aliança de casamento em seu dedo esquerdo.

Eu pego o pedaço de pano na minha mão e aceno em agradecimento. Não sei por que esperava que ele sorrisse ou até mesmo desse um aceno de cabeça em troca.

Ele não fez.

Seus olhos penetram nos meus por alguns segundos, então ele se vira e sai.

Bem desse jeito.

Ele me apagou de sua tarde infeliz e agora está voltando para sua esposa.

Considerando o extremo desconforto que senti em sua presença, achei que ficaria aliviada quando ele fosse embora.

Pelo contrário, parece que meu esterno está cavando na carne sensível do meu coração.

Que diabos?

Eu fico olhando para o lenço que ele colocou na minha mão. Possui as letras A.V. bordado nele e parece ser feito à mão. Algo de valor.

Por que ele me daria isso?

Algo em seu rosto.

Tem muita merda na minha cara. Uma camada de sujeira, na verdade. Já que eu não estou em um banheiro público há algum tempo. Ele realmente achava que um lenço maldito seria a solução?

Irritada com ele e com a minha reação em relação a ele, jogo o lenço em uma lata de lixo e corro na direção oposta.

Eu preciso de uma refeição quente e uma cama esta noite, e se isso significa encontrar o diabo novamente para tê-los, que seja.

Capítulo Quatro

Winter

Eu paro antes de virar a esquina em direção ao abrigo.

Dizer que vou enfrentar o diabo e realmente fazer isso são duas coisas diferentes. Afinal, arranhei seu rosto, chutei suas bolas e o empurrei contra a mesa na última vez em que o vi.

Ele pode realmente me pegar e me forçar a passar um dia na delegacia.

Um rosnado baixo escapa do meu estômago e estremeço quando ele se contrai. Quase posso senti-lo abrindo a boca e, quando não encontra nada, emite um som horrível.

Eu envolvo um braço em volta da minha cintura como se isso fosse apaziguar magicamente a dor.

Certo, vou apenas tentar pegar um pouco de sopa e ir embora. Muitos moradores de rua que não passam a noite aqui vêm apenas para comer, então meu plano não deve ser estranho.

Eu puxo meu capuz sobre minha cabeça e esfrego minhas mãos em uma tentativa meia-boca de aquecê-las enquanto eu viro a esquina.

Dois carros da polícia estão estacionados em frente ao abrigo com as luzes azul e vermelha acesas. Algumas vans de notícias estão espalhadas pelo prédio pobre. Repórteres e cinegrafistas estão por toda parte, como insetos em busca de um pedaço de lixo suculento para morder.

Não me diga que aquele idiota nojento chamou a polícia e a mídia por minha causa? Eu só chutei ele. Certo, talvez eu agarrei seu rosto e o soquei também, mas isso foi em legítima defesa. Foi ele quem me chamou em seu escritório e estava me apalpando onde não deveria estar tocando.

Posso ter pouco, tudo bem, nada, mas posso me proteger contra bastardos como ele.

Mas se eu contar isso para a polícia ou a mídia, eles não vão acreditar em mim. Por que o respeitável diretor de um abrigo para sem-teto, que também está concorrendo a prefeito, tocaria em uma pessoa insignificante e suja como eu?

Eu realmente deveria procurar outro abrigo. Mas eles vão me deixar entrar se Richard já me colocou na lista negra?

Foi arranhar, o soco ou o chute que selou o acordo para ele? Se fosse o último, que fosse. Porque chutá-lo nas bolas não é algo de que me arrependo no mínimo.

Uma pedra me atinge na cabeça e eu estremeço, me virando. Um sorriso levanta minha boca quando eu faço contato visual com a única pessoa que eu chamaria de meu amigo neste buraco de merda.

— Larry! — Eu sussurro-grito.

— Venha aqui. — Ele faz um gesto para que eu me junte a ele em um pequeno beco que é usado para jogar o lixo.

Eu rapidamente me movo para o lado dele e estremeço com o cheiro de lixo. Não que Larry e eu sejamos as pessoas mais cheirosas por aí, considerando o tempo limitado que temos para tomar banho.

A pele bronzeada de Larry parece ainda mais escura nas sombras. Ele é um homem de meia-idade, por volta dos cinquenta anos, como ele me disse e tem as rugas ao redor dos olhos como prova do tempo que passou nesta terra. Suas feições são duras, angulosas e o osso do nariz se projeta devido a ter sido quebrado antes.

Ele está vestindo um casaco de cashmere laranja escuro de segunda mão que ganhou de uma instituição de caridade. Suas botas e luvas são azul marinho. Obviamente, seu senso de moda é definitivamente melhor do que o meu.

Nós nos conhecemos há algumas semanas em uma das estações de metrô e ele compartilhou seu jantar comigo. Dei a ele metade da minha preciosa cerveja e, de alguma forma, nos tornamos melhores amigos. A única coisa que mais amo na companhia de Larry é que ele não é do tipo falante. Nós dois sonhamos acordados na presença um do outro, sem nos preocupar em fazer muitas perguntas. Encontramos camaradagem no silêncio. Em fechar a porta para o mundo. Ele sabe sobre meu problema com o álcool, porém, e me disse que é um veterano.

Larry foi quem me trouxe a esta merda, dizendo que teríamos refeições grátis e uma cama quentinha. Ficamos um pelo outro, então quando um

está dormindo, o outro fica de guarda para que ninguém nos toque. Quando não há camas disponíveis, sentamos um ao lado do outro, coloco minha cabeça em seu ombro e dormimos assim.

— Estive procurando por você por toda parte. — Ele arqueja. — Onde você esteve?

— Por aí.

— Você roubou cerveja de novo?

— Não!

— Winter... — ele aperta a ponta do nariz como se eu fosse uma criança insolente.

— Tudo bem. Apenas uma. Eu não tinha nenhum trocado.

— Nós concordamos em nunca roubar.

— Tempos desesperadores, Larry. Além disso, você sabe que não gosto do meu estado sóbrio. Ela tem problemas. — Talvez seja por isso que estou me sentindo desequilibrada a tarde toda. Tenho baixa tolerância ao álcool, mas até eu preciso de mais do que uma única cerveja para ficar bêbada.

— Winter...

— Esqueça. — Eu jogo a mão desdenhosa na direção geral do abrigo. — O que aconteceu aqui?

Ele afina os lábios antes de liberá-los. — Eu deveria te perguntar isso.

— Eu?

— Sim você. Por que você acha que a polícia e a mídia estão aqui?

— Porque Richard os chamou para me demonizar?

— Não exatamente.

— Então o que?

— Richard foi encontrado morto em seu escritório esta manhã.

Eu paro, uma sensação estranha me agarrando pela garganta e confiscando meu suprimento de ar. Quando eu falo, é em um sussurro tenso. — O que?

— A equipe de limpeza o encontrou em uma poça de seu próprio sangue e a polícia suspeita que você tenha feito isso.

— Eu?

— Sim. Não sei se Richard ligou para eles antes de morrer ou se a equipe e os outros testemunharam que você foi a última pessoa que o viu vivo.

Meus punhos se fecham de cada lado do meu corpo. — Eu não o matei, Larry. Eu não fiz isso.

Suas sobrancelhas franzem os olhos enrugados enquanto ele suspira. Ele tem pele grossa com algumas manchas, provavelmente devido a ter ficado tantos anos ao sol. — Eu sei.

— Mesmo?

— Realmente, Winter. Você é uma coisinha maluca, mas não é uma assassina.

Eu sorrio um pouco com isso. — Quem você está chamando de louca, meu velho?

— Eu não sou velho, sua merdinha.

— Você age como um, Larry.

Ele me abraça, então rapidamente me empurra para longe. Larry sempre manteve distância entre nós, como se tivesse medo de me tocar, e sou grata por isso. Não porque seu toque seja ruim, mas porque eu não gosto de ser tocada. É por isso que prefiro a invisibilidade.

— De qualquer forma, você precisa sair antes que eles te encontrem.

— Não. Não fiz nada de errado e, se me esconder, significa que estou admitindo um crime que não cometi.

— Então o que você planeja, mulher? Você está pensando em se intrometer no meio desses policiais? O que você vai dizer? Tipo, ‘umm, olá, oficiais, eu sou aquela que vocês acham que matou Richard, mas na verdade eu não matei, então vamos apenas apertar as mãos?’

— Vou simplesmente dizer a eles o que aconteceu.

— Ninguém vai acreditar em você, Winter. Suas impressões digitais estão em todo o escritório e você foi a última pessoa que o viu com vida antes de desaparecer. Você é culpada aos olhos deles. E se você entrar lá,

eles vão prendê-la por vinte anos. Você também não vai conseguir um bom advogado, porque os indicados pelo Estado são uma merda.

Suas palavras penetram em meu cérebro, lentamente fazendo sentido, mas quero descartá-las o mais rápido possível. Eu quero que elas sejam falsas. Porque eu não posso aceitar essa opção.

— Então o que você sugere que eu faça, Larry? Fugir?

O homem mais velho estala os dedos. — Exatamente. Fique quieta por um tempo e então descobriremos uma maneira de tirar você desta cidade.

É a coisa mais lógica a se fazer nessas circunstâncias. Isto é. Mas eu sempre fui apegada a esta cidade impiedosa com supercola. Além disso, é onde eu tenho memórias com minha filha, e se eu for embora, será como se estivesse abandonando um pedaço de mim.

— Mas... Larry...

Ele suspira, colocando ambas as mãos em seu casaco laranja. — Você não quer ir embora?

Eu balancei minha cabeça.

— Mas você pode ficar presa. Você tem que ir.

— Eu sei. Você está vindo comigo?

— Absolutamente, mulher. Montamos juntos e morremos juntos.

— Isso soa como o slogan de algum clube de motociclismo.

— Eu roubei. Role com isso. — Ele espia a cabeça pela esquina, seus olhos castanhos brilhando de concentração antes de se concentrar em mim.

— Agora vá. Não fique em lugares abertos e evite câmeras. Eu te dou cobertura.

Eu envolvo meus braços em volta dele em um breve abraço. — Como vamos nos encontrar de novo?

— Eu tenho minhas informações sobre os sem-teto. Vou te encontrar. Apenas fique quieta.

Depois que eu relutantemente o solto, eu cuidadosamente faço meu caminho através da parte de trás do beco.

Eu olho para trás para lançar um último vislumbre de Larry, mas ele já se foi.



Normalmente, quando não estamos em um abrigo, Larry e eu passamos a noite na estação de metrô. Os bancos são nossos amigos e o silêncio marginal é melhor do que a cidade barulhenta lá fora.

Então é aí que eu vou primeiro, mas logo percebo meu erro quando vejo a notícia sobre a morte de Richard na TV da estação.

Dois homens de meia-idade, que parecem fãs de futebol, a julgar por seus bonés azuis do Giants, param na minha frente para assistir ao noticiário. Eu me encolho para trás e me misturo a uma parede, caso alguém aqui me reconheça.

— Que bagunça, —, diz um deles, acendendo um cigarro, apesar das placas de proibido fumar.

— Talvez seja um sinal de que ele não deveria se candidatar a prefeito, — o outro responde, encolhendo os ombros.

— Não era para isso? Cara, você mora nessa cidade?

— Por que? O que?

— Richard Green foi o principal candidato a prefeito. — O homem do cigarro se inclina em direção ao amigo e abaixa a voz como se estivesse compartilhando segredos da Agência Central de Inteligência. — Há rumores de que ele era apoiado pela máfia.

— A máfia? — O outro homem sussurra-grita.

— Fale baixo, seu idiota. Você quer nos matar?

Eu ridicularizo a maneira como ele imita os famosos filmes de mafiosos, mas me encontro me aproximando, mantendo distância, para sentir o cheiro da conversa deles. Se Richard era apoiado pela máfia, então os homens assustadores vestidos com ternos escuros faziam mais sentido, já que apareciam ocasionalmente e iam direto para seu escritório.

— São os italianos? — O não fumante pergunta.

Homem do Cigarro sopra uma nuvem de fumaça e eu bloqueio meu nariz e boca com as costas da mão para não tossir. — Não. O Bratva.

— Russos?

— Isso é o que dizem os rumores.

— Os imundos russos estão se envolvendo em nossa política de novo?

— Sim cara. E sua máfia não é brincadeira. Ouvi dizer que matam pessoas como se fossem moscas.

— Este é um país com leis.

Homem do Cigarro começa a rir, acenando com a mão para recuperar o fôlego com a força disso. — Que lei, cara? Esses monstros fazem a lei onde quer que vão.

— Você está dizendo que a morte de Richard não é tão simples quanto parece que a mídia diz?

— Sim eu estou. Tudo isso é uma diversão. — Homem do Cigarro faz um gesto na linha que diz: *Richard Green, candidato a prefeito de Nova York, foi morto por um dos moradores de rua no abrigo que dirigia.*

Eu olho para a TV e franzo a testa. Minha foto deve estar em todas as notícias com uma legenda de procurada no topo. Por que eles nem mencionaram meu nome? A polícia ainda não deu declarações concretas à mídia?

Mas isso não faz sentido. Minhas impressões de mãos estão por toda parte no escritório de Richard, e eu sou, sem dúvida, a principal suspeita.

Então, por que sou apenas *um sem-teto* em seu abrigo? Mesmo meu gênero não é mencionado.

— Os russos são assustadores, cara, — diz o Homem do Cigarro.

— Pior que os italianos?

— Agora mesmo? Muito pior. Seu poder e influência são mais profundos do que qualquer outro círculo criminoso. — Ele joga o cigarro no concreto sem apagá-lo enquanto ele e seu amigo correm para pegar um trem.

Eu caminho até onde eles estavam e apago o cigarro com a sola do meu sapato. O assunto na TV mudou para algumas outras notícias do mundo e eu continuo olhando para a bituca queimada. Como o fogo deixou uma linha preta no exterior branco. Então, mesmo depois de sumir, a evidência permanece.

Assim como minha vida.

Eu toco a parte inferior do meu abdômen, onde minha cicatriz está cuidadosamente escondida sob as inúmeras camadas de roupas. Ainda queima como se as pontas dos meus dedos estivessem pegando fogo, queimando através das roupas e pegando fogo na minha pele.

Outro protesto de fome vem do meu estômago e eu suspiro, saindo da estação. Eu preciso ir para um lugar mais silencioso porque, mesmo que eles não revelem minha identidade, eles irão eventualmente.

A conversa dos fãs do Giants continua tocando na minha cabeça enquanto eu me esgueiro de um beco para outro, meus passos leves e rápidos.

Quando o Homem do Cigarro mencionou os russos, o único pensamento que me veio à mente foi o estranho da manhã de hoje. Seu sotaque era muito russo, mas não muito áspero como eu já ouvi antes. Era tranquilo, sem esforço, quase como eu imaginaria que a realeza russa falasse se algum dia aprendesse inglês.

Ele poderia fazer parte da máfia que o Homem do Cigarro mencionou?

Eu balanço minha cabeça internamente. Por que eu o colocaria com a máfia só porque ele tem sotaque russo? Ele poderia ser um empresário russo, como os milhares que fervilham em Nova York o tempo todo.

Ou um espião.

Um arrepio sacode minhas entranhas com o pensamento. Eu realmente preciso controlar minha imaginação selvagem. Além disso, em que mundo um espião é tão atraente? Exceto James Bond, mas ele é ficção. O estranho russo atraiu muita atenção, e a parte mais estranha é que ele parecia meio alheio a isso. Ou talvez ele estivesse incomodado com isso, como se não quisesse ser o centro das atenções, mas foi forçado a essa posição de qualquer maneira.

Enfio a mão no bolso e pego o lenço que ele me deu. Tudo bem, então eu joguei no lixo, mas depois peguei. Não faço ideia do porquê. Pareceu um desperdício, eu acho.

Correndo meus dedos enluvados sobre as iniciais, me pergunto se sua esposa fez isso para ele e se ela vai questioná-lo sobre seu paradeiro. Embora ele parecesse ser do tipo que questiona, não o contrário.

Empurrando o lenço de volta no bolso, empurro o estranho para fora da minha cabeça e dou algumas voltas até chegar a um estacionamento subterrâneo que Larry e eu frequentamos.

O guarda está roncando na entrada, resmungando sobre algum jogador de beisebol ser um idiota. Não é preciso muito esforço para passar por ele. Agora, tudo que tenho a fazer é sair de manhã cedo antes que ele acorde.

O estacionamento não é grande ou chique, apenas serve para cerca de cem carros e metade das vagas não estão ocupadas. Apenas um terço das luzes de néon funcionam, mas mesmo se todas elas me cegassem, não faria diferença. Eu já dormi em lugares piores, com iluminação mais forte e ruídos mais altos.

A chave para se manter seguro é dormir com um olho aberto. Não literalmente. Mas, basicamente, tendo o sono leve, o menor movimento me desperta.

Quando me sento no chão de concreto entre dois carros e fecho os olhos, estou bem ciente do zumbido das luzes meio queimadas e do barulho dos carros passando nas ruas lá em cima. Posso até ouvir o guarda resmungando, embora não consiga entender suas palavras.

Se ele parar, saberei que está acordado e preciso estar alerta. Ele poderia chamar a polícia por mim, e isso é a última coisa que eu quero na minha situação atual ou em qualquer situação, na verdade.

Tento ficar o mais confortável possível na minha posição, embora o frio esteja vazando pelos meus ossos, vindo da parede atrás e do chão embaixo de mim.

Tento não prestar atenção ao meu estômago roncando ou à necessidade pulsante de ficar bêbada.

Tento pensar sobre aonde ir a partir daqui, quando for oficialmente uma pessoa procurada.

Logo, a exaustão me afeta e eu caio em um sono sem sonhos.

Eu não sonho. Nunca. É como se minha mente tivesse se tornado uma tela em branco desde o acidente.

O resmungo para e o guarda começa a falar. Meus olhos se abrem e eu olho para a pequena abertura na minha frente que serve como uma janela. Ainda é noite e, a julgar pela falta de carros zumbindo, é tarde o suficiente para que nenhum outro veículo venha aqui.

E ainda assim, um carro preto desliza lentamente para dentro da garagem. É tão silencioso que eu não teria ouvido se não estivesse tão sintonizada com os ruídos do mundo exterior.

Arrasto meus joelhos até o peito e envolvo meus braços em torno deles, em seguida, puxo o capuz do meu casaco sobre a cabeça para cobri-lo

completamente. Apenas um dos meus olhos espia por uma abertura estreita.

Contanto que não estacione no local oposto a mim, eu ficaria bem. É mais lógico escolher um dos incontáveis locais perto da entrada.

O som se aproxima e avisto o carro preto. Eu me escondo no espaço apertado entre um Hyundai e a parede, agradecendo a tudo que é sagrado pelo meu pequeno corpo. Isso ajuda no meu esquema de invisibilidade.

Mas, ao fazer isso, bloqueei minha visão do que o carro está fazendo. Por longos segundos, não há som. Não há abertura de portas ou o sinal sonoro de uma fechadura.

Agachando, espio embaixo do carro e vejo um par de pés masculinos em frente ao Hyundai. Eu coloco uma mão enluvada na minha boca para abafar qualquer som que eu possa fazer.

O cheiro podre de qualquer merda em que toquei provoca uma sensação de náusea e me dá vontade de vomitar.

Eu respiro pela boca enquanto continuo observando seus pés. Ele está usando sapatos marrons e não está se movendo, como se estivesse esperando por algo.

Vá embora. Vai!

Repito o mantra em minha cabeça várias vezes, como se isso fosse fazer acontecer.

Mamãe costumava me dizer que se você acreditar em algo com força suficiente, isso se tornará realidade.

E, como mágica, os sapatos marrons vão embora. Eu solto um suspiro de alívio, mas é interrompido quando uma mão forte me puxa de trás do carro pelo capuz.

A força é tão forte que fico momentaneamente suspenso no ar, antes que um homem corpulento com feições assustadoras diga com sotaque russo.
— Peguei ela, chefe.

Capítulo Cinco

Winter

Peguei ela, chefe.

Não paro para pensar no que essas palavras podem significar. Meu primeiro e mais importante papel na vida é sobreviver. Eu não estou vivendo para mim. Estou vivendo em nome da minha filhinha. Pela vida que ela não poderia ter.

O homem que me capturou é corpulento e grande como uma montanha. Sua expressão é severa, dura, como se ele tivesse nascido com uma carranca permanente. Seu cabelo é curto, louro-claro, e seus olhos claros são frios e implacáveis como gelo.

Assim que ele me coloca de pé, eu me movo para escapar do aperto que ele tem em meu capuz. Torcendo e me contorcendo, pego sua mão e tento arrancá-la, mas posso muito bem ser um rato lutando contra um gato.

Ele parece totalmente desinteressado enquanto me puxa, minha luta não o detém de forma alguma. Eu piso em seu pé, mas ele apenas agarra meu capuz com mais força enquanto continua a me levar embora. Meus pés arrastam no chão e eu perco um dos meus sapatos.

— Socorro! — Eu grito a plenos pulmões. — Socorro... — O homem coloca uma mão de pedra na minha boca, cortando qualquer som que eu possa fazer.

Ao contrário do fedor das minhas luvas podres, sua mão cheira a couro e metal. Apesar do odor um tanto tolerável, ainda é sufocante como se eu estivesse sendo enfiada em um lugar pequeno onde não cabia.

Meus membros tremem com essa perspectiva. Tento arrancar minha mente disso, mas ela já cresceu e se expandiu, rasgando carne e ossos para se materializar na minha frente.

Estou em um espaço fechado, está tão *escuro*, tão escuro que não consigo ver minhas próprias mãos. O cheiro de urina enche minhas narinas e minha própria respiração soa como o monstro de olhos vermelhos dos meus pesadelos mais terríveis.

Estou presa.

Eu não consigo sair.

— Me deixe sair... — eu sussurro com desespero rouco. — Por favor, me deixe sair...

— *Onde está o monstrinho?*

Não!

Eu arranho a mão que me segura, aquela que vai me matar. Eu não vou deixar.

Eu tenho que viver.

Antes que eu perceba, sou jogada no banco de trás do carro preto. Devo ter ficado tão presa naquele momento do passado que não prestei atenção à distância que ele me arrastou. Loiro Volumoso me solta e bate a porta.

Meus dedos estão tremendo e os resquícios do flashback daquele espaço escuro e apertado ainda batem sob minha pele como um demônio prestes a erguer sua cabeça feia. Normalmente, após esses episódios, corro para um espaço aberto e continuo correndo e correndo até que o ar queime meus pulmões e apague a imagem.

Mas agora não.

Agora, eu preciso forçar meu corpo a ficar em alta para que eu possa sobreviver.

A sobrevivência vem antes de tudo. Antes da dor. Antes das prisões mentais.

Tudo.

Tento abrir a porta antes que Loiro Volumoso possa entrar no banco do motorista e me levar para Deus sabe onde.

Mas ele não sobe no carro.

Em vez disso, ele fica na frente dele de costas para mim. Outro homem se junta a ele e quando ele se vira para o lado, vejo de relance seu perfil. Ele é menor em tamanho e parece mais jovem do que o Loiro Volumoso. Seu físico também é mais magro e seu paletó não se apega aos ombros como o do homem maior. Ele tem cabelos castanhos compridos presos em um coque baixo e um nariz torto que tenho certeza de já ter visto, mas onde?

O momento de hesitação desaparece quando Nariz Torto e Loiro Volumoso ficam de frente para mim.

Eu puxo a maçaneta, mas a porta não abre. — Merda.

Colocando meu pé coberto pela meia contra ela, eu empurro e puxo até que o calor sobe pelas minhas bochechas. Eu clico no botão para baixar o vidro, mas também está bloqueado.

— É inútil. Economize seu esforço.

Eu recuo, meus movimentos chegando a uma parada brusca. Em minha névoa induzida pela adrenalina, não percebi que havia outra pessoa no banco de trás comigo.

Ainda segurando a maçaneta, eu viro minha cabeça lentamente, esperando como o inferno que o que acabei de ouvir fosse uma brincadeira da minha imaginação.

Por ter pensado nele por tanto tempo, comecei a ter alucinações.

Eu não estou.

Meus lábios se abrem enquanto eu sou puxada para aqueles intensos olhos cinza desta tarde. Eles parecem mais escuros, mais sombreados, como se a noite os tivesse enfeitado.

Eu interrompo o contato visual assim que faço isso, porque se eu continuar olhando, minha pele vai arrepiar, minha cabeça vai ficar tonta e vou sentir vontade de vomitar meu estômago vazio.

Usando meu pé na porta, puxo e empurro a maçaneta com todas as minhas forças. No início, pensei que o homem corpulento poderia estar com a polícia e que ele vai me pegar por matar Richard, mas não há como esse russo estranho ser um policial.

Ele não se parece com um.

Talvez ele seja um espião, afinal. Isso parece estranhamente semelhante ao início de algum filme de espionagem sobre um oprimido 'eu' que será recrutado para trabalhar em segredo para uma agência de inteligência.

Quando todos os empurrões e puxões não trazem nenhum resultado, eu bato meu cotovelo no vidro. Uma pontada de dor percorre todo o meu braço, mas não vou parar, não até que esteja fora deste lugar.

Está começando a parecer aquela maldita caixa fechada. Eu preciso sair.

Estou prestes a socar o vidro com meu punho, quando a voz do estranho preenche o ar. — É à prova de balas, então você só vai se machucar.

Meu braço está flácido ao meu lado. Posso estar disposta a sacrificar a dor, mas não o farei sem resultado.

— Você terminou? — Ele pergunta naquele tom calmo, quase sereno, assim como a realeza. Sua voz é aveludada, suave como seda, mas ainda profunda e masculina.

Eu não olho para ele e, em vez disso, pulo para o banco da frente. Se eu conseguir abrir a porta ou sair pela janela, vou correr e...

Mãos fortes me agarram pelos quadris e me puxam para trás com facilidade e sem esforço. Agora estou tão perto dele que sua coxa toca a minha.

Espero que ele me deixe ir agora que me tem ao seu lado, mas não o faz. Se qualquer coisa, ele aperta meus quadris com mais força e, embora eu esteja usando várias camadas de roupas, posso sentir o calor controlador em suas mãos. É diferente do calor no carro. Isso está queimando, abrindo buracos nas minhas roupas e mirando na minha pele.

Tão perto que eu posso sentir o cheiro dele, ou melhor, sou forçado a inalar ele com cada inspiração. Seu perfume é uma mistura de couro e madeira. Poder e mistério.

Ele fala contra o meu ouvido, seu tom caindo na faixa com o propósito de cimentar as palavras em meus ossos. — É inútil lutar comigo, porque você só vai se machucar. Você não está no meu nível, então não me cause problemas ou não hesitarei em jogá-la para os lobos. Estou lhe dando minha mão, então seja grata, agradeça suas estrelas da sorte e pegue-a sem fazer nenhuma maldita pergunta.

Meus lábios ficaram secos o tempo todo que ele falou. Ele está emitindo ameaças claras, mas parece um advogado calmo apresentando um caso na frente de um juiz.

Ele tem um jeito particular de falar. Suas palavras são deliberadas, seguras e têm um tom de comando, sem ser muito evidente.

— O que você quer de mim? — Eu quero me chutar pela pequena voz. Quase pareço assustada. Risca isso. Eu definitivamente pareço assustada, porque puta merda, eu estou. Acabei de conhecer esse homem hoje e, no espaço de algumas horas, minha vida virou de cabeça para baixo.

Até agora, meu único propósito era viver, mas até isso parece impossível no momento.

— Eu tenho uma oferta para você, Winter.

Como você sabe meu nome? Eu quero perguntar isso, mas seria inútil. Ele parece o tipo de homem que sabe tudo o que precisa.

— Que oferta?

Seus lábios roçam a concha da minha orelha enquanto ele murmura. — Seja minha esposa.

Continua...

Sobre a Autora

Rina Kent é autora de best-seller internacional de tudo que é romance de inimigo para amantes.

A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento de seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que é romântica no coração de alguma forma, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonou por caras por quem ninguém torce. Seus livros são polvilhados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade tranquila no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia do enredo ou rindo como um gênio do mal quando essas ideias se juntam.